



GT 062. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

João Batista de Jesus Felix (UFT) - Coordenador/a,
 Carlos Benedito Rodrigues da Silva (Universidade
 Federal do Maranhão) - Coordenador/a

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, a cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos grupos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com intuito deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

GORE GRIND: música extrema e política underground

Autoria: Evelyn Christine da Silva Matos

O gore e o grind são gêneros musicais peculiarmente brutais que, típico ao mundo moderno e contemporâneo (Yúdice, 2006; Fridman, 2013; Beck et al., 1994), podem ser vistos em completude ou parceria estilística um ao outro ou se associar a outros estilos para formar uma cena e uma proposta musical composta. Os apontamentos e reflexões obtidas nesta perspectiva focal simulam a complexidade com que o underground se organiza, sendo observados aqui, sobretudo, a partir da realidade carioca. Não obstante, as situações enfrentadas e o contato com a arte, que incorporam os estilos, supõem interações intercenas, fornecendo indícios de resoluções globais, ainda que afloradas em um dado tempo nos diferentes espaços. Este estudo, portanto, busca apreciar temas e problemáticas que situam o crossover goregrind, as quais seus adeptos têm se mostrados dispostos a debater em sua arte e em sua existência, tanto dentro da cena quanto nas outras esferas da vida social. Tem relevância porque pontua formas com que as identificações e identidades organizam, compreendem e refletem seus conteúdos, como elas entendem a qualificação de si - o estilo e os sujeitos - no mundo social. A literatura concorda que ao underground compete a proposta da alternatividade, onde o ritual e a inventividade são maneiras de vigorar a expressão coletiva (Abramo, 1994; Caiafa, 1985; Hebdige, 1979); também que a experimentação coletivada sobressai o sentido o qual a existência grupal se apoia, sua legitimação (Simmel, 2006; Becker, 2008; Hennion, 2011). Embebidos nisso, mais do que um som feito fora dos padrões mainstream, a cena extrema perspectiva acerca da competência filosófica do underground. As produções que derivam dessa perspectivação são suas ideias mais fundamentais exorcizadas, evidenciadas para si e para o mundo. O goregrind leva ao extremo a coisa do "exorcismo" e transmite a podridão, a espetacularidade e a monstruosidade dos temas com que lidam. É a forma que elegeram para dar vida à sua arte; é voz, expressão, ferramenta de coesão e argumento inteligível da rebeldia juvenil.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

